



OS AZULEJOS DE FACHADA DE LISBOA: AS FORMAS DE DEGRADAÇÃO FÍSICA E OS SEUS FACILITADORES

João Manuel Mimoso ¹, Sílvia R. M. Pereira ¹

¹ Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa, jmimoso@lnec.pt

Palavras-chave: Conservação do património edificado; Azulejos de fachada; Degradação.

Sumário: Lisboa possui um importante património cultural constituído pelas numerosas fachadas de edifícios urbanos revestidas a azulejos. Esta comunicação apresenta uma sistematização das formas de degradação física mais comumente encontradas na azulejaria de fachada de Lisboa, discutindo as agressões da envolvente que as provocaram e as fragilidades intrínsecas a algumas fabricações que as propiciaram.

1. INTRODUÇÃO

Lisboa possui um importante património cultural constituído pelas numerosas fachadas de edifícios urbanos revestidas a azulejos. Antes de 1800 a utilização exterior era limitada a coruchéus, jardins, fontanários e pequenos painéis com registos religiosos. Exemplos notáveis na cidade de Lisboa são o jardim do Palácio Fronteira, de que a maior parte do revestimento azulejar data da segunda metade do século XVII, ou o fontanário do século XVIII agora montado sob as escadilhas de Santo Estêvão, em Alfama. Em ambos os casos a degradação é reconhecível mas não afecta igualmente todos os painéis, nem sequer todos os azulejos de um mesmo painel. Por outro lado, muitos dos registos parietais invocando a protecção de Santo António, ou de São Marçal contra o fogo, ou as tocantes “alminhas” pedindo aos passantes uma oração pelas almas no purgatório, geralmente datáveis à segunda metade do século XVIII e frequentemente num estado de conservação admirável atestam a durabilidade potencial do azulejo português em utilização exterior. Reconhece-se, assim, que a degradação secular dos antigos revestimentos azulejares está relacionada, não só com o tipo de aplicação e exposição, mas também com características do próprio azulejo.

Numa data desconhecida mas seguramente anterior a 1845, data em que o Conde Atanazy Raczyński já refere a existência de fachadas totalmente azulejadas [1], as fachadas de alguns edifícios, particularmente prédios de rendimento, começaram a ser paramentadas com azulejos. A partir de cerca de 1850 difundem-se em Lisboa, tal como no Porto e noutras cidades e vilas do País, os revestimentos com azulejo cerâmico semi-industrial caracterizado por fabricação moldada com pastas finas e pintura manual aplicada com o auxílio de estampilhas. As estampilhas eram constituídas por máscaras em papel que cobriam a face da chacota já com a frita do vidrado aplicada e permitiam uma pintura rápida à trincha, ficando o pigmento depositado apenas nas áreas que constituíam aberturas da estampilha.

O azulejamento integral dos paramentos de fachada terminou em Lisboa por volta de 1930 mas o século que então se completou legou à cidade um património diverso e surpreendente, particularmente notável pela utilização de frisos complementares que orlavam os vãos e dão hoje testemunho do talento decorativo dos azulejadores que os aplicaram com um admirável sentido estético. Apesar da sua riqueza e interesse enquanto património cultural da Cidade do presente este valor está ainda insuficientemente estudado e ainda menos divulgado. Um dos campos em que mais falta o estudo é o das causas e formas da sua degradação.

2. A HUMIDIFICAÇÃO DOS SUPORTES COMO PRINCIPAL AGRESSÃO AOS AZULEJOS DE FACHADA

Os paramentos azulejares protegem e mantêm secas as fachadas que revestem. No entanto os azulejos, cujas faces vidradas impermeabilizam em larga medida as paredes, não se destinam a utilização sobre suportes húmidos precisamente porque impedem a secagem das paredes sobre as quais estão colados. A água que se apresenta pelo lado do tardo passa das paredes às chacotas dos azulejos que podem depois manter-se húmidas durante longos períodos ou sofrer ciclos consecutivos de molhagem seguida de secagem. As molhagens provocam a expansão dos corpos cerâmicos dos azulejos, conduzindo frequentemente ao seu destacamento em particular quando a deformação é limitada pelo contacto com os azulejos adjacentes. O vidrado não absorve água de maneira notável e, portanto, não sofre expansões hídricas, não acompanhando as correspondentes dilatações dos corpos cerâmicos. Estas provocam, então, uma tracção no vidrado que vai fissurar quando se atinge a tensão de ruptura, cuja consequência mais comum é o chamado “craquelé”.

3. FORMAS DE DEGRADAÇÃO

Um estudo microscópico revela que o craquelé se resolve em dois tipos principais, dos quais apenas um representa perigo imediato para a conservação do azulejo enquanto suporte decorativo [2]. O primeiro desenvolve uma fissuração vertical entre o vidrado e a chacota e no segundo dá-se uma fissuração vertical no vidrado e horizontal na interface entre o vidrado e a chacota. Neste último caso, o “mosaico” resultante do craquelé vai cair, “tessela” por “tessela”. Perdendo-se o vidrado, perde-se com ele o valor decorativo dos azulejos.

Dos ciclos de molhagem - secagem acabam por resultar diversas outras formas patológicas conducentes à perda de vidrado. Esta comunicação, integrada num projecto de investigação actualmente em curso no LNEC, apresenta uma sistematização das formas de degradação física mais comumente encontradas na azulejaria de fachada de Lisboa, discutindo as agressões da envolvente que as provocaram e as fragilidades intrínsecas a algumas fabricações que as propiciaram. Pretende-se, assim, contribuir para a conservação do património azulejar, não só do urbano da Cidade de Lisboa sobre o qual incide directamente, mas de um inestimável património nacional na sua globalidade.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Raczynski, A. “Les Arts en Portugal”, página 427, Vingt-Quatrième Lettre (Lisbonne, 18 Janvier 1845) : « Il y a des maisons qui en sont recouvertes exterieurement (de azulejos) depuis leur base jusqu’au toit »,
- [2] Mimoso, J.M; Pereira, S; Santos Silva, A. “A research on manufacturing defects and decay by glaze loss in historical Portuguese azulejos”, Relatório 24/2011-NPC/NMM, LNEC 201.